

**Datamatic, Braga, principio dos anos 80:
um marco inovador na informática portuguesa**

Eduardo J C Beira

Departamento de Sistemas de Informação; Universidade do Minho

Professor convidado (equiparado a professor auxiliar)

www.dsi.uminho.pt/~ebeira ; ebeira@dsi.uminho.pt

Em 1979 arrancou uma nova empresa portuguesa de tecnologias e sistemas de informação (a **Datamatic**) que veio a conhecer um paradigma organizacional e um modelo de negócio bem diferente do habitual no “mainstream” do sector, onde então pontificava a C^a IBM Portuguesa (com cerca de 80% de market share).

Sediada em Braga (muito antes de existir a auto estrada A3!, então pacata cidade da “provincia” portuguesa), com influencias de pessoas ligadas ao então novíssimo Departamento de Informática (de Gestão) da recém-criada Universidade do Minho, com uma oferta de “business software” integrado e “on-line” a correr em plataformas integradas de minicomputadores (baseados primeiro em Data General e depois em hardware “DG-like” de terceiros), com componentes de fornecedores diversos (porventura a primeira tentativa de “system integrator” moderno em Portugal), a empresa rapidamente cresceu e ganhou uma quota importante do mercado nacional de “novos utilizadores” de sistemas informáticos, em especial PMEs, à custa de um novo software integrado de gestão com processamento online e interactivo, capaz de correr em soluções de hardware barato (minicomputadores) e com uma eficiencia e funcionalidade notaveis. Criada quase em simultaneo com a entrada dos minicomputadores no mercado português TSI, e com a passagem do processamento batch para online (que liderou e em que foi precursora), a empresa tirou partido das novas oportunidades de inovação possíveis, mas acabou por sucumbir às consequências dessa própria inovação e às dificuldades financeiras típicas de um start-up pouco capitalizado, sem mercado de capitais (ou semelhante) a que recorrer e numa conjuntura económica nacional muito desfavoravel .

Tendo chegado a ter várias dezenas de pessoas (uma dimensão muito assinalavel para a época), a maior parte das quais de fora de Braga mas sediadas (“emigradas”) em

Braga, praticamente todas sem experiência ou formação anterior em actividades ou negócios TSI, mas quase todas recém licenciadas em engenharia e economia um importante novidade no sector), fazendo internamente o desenvolvimento de todo o software aplicacional, a Datamatic lançou gerações seguintes de empresários, técnicos e inclusive professores universitários, que marcaram, e continuam a marcar e liderar, importantes actores da informática e das tecnologias da informação em Portugal.

Os seus estilhaços (“spillovers”) continuam a fazer-se sentir. O seu ciclo de vida poderá ter sido intenso e fugaz. Mas várias gerações de empresas TSI, algumas delas muito relevantes para o sector, haveriam de nascer do seu capital humano e do seu espólio de conhecimentos, de produtos e de mercados. Algumas das raízes profundas do chamado “**cluster high tech do Minho**” podem também ser aí encontradas.

Pelo caminho ficara a ousadia de pretender ser um integrador de sistemas multimarca (antes do tempo e antes da tecnologia e do mercado estarem maduros para isso) e mesmo a ousadia de ter criado a primeira marca portuguesa de computador: o **Datamatic**, um minicomputador que integrava componentes OEM de diversas origens e do qual que foram instaladas meia duzia de unidades.

A par com a C^a IBM Portuguesa, a Datamatic foi uma das grandes escolas de onde emergiram os empresários, técnicos e especialistas que têm construído a informática portuguesa das ultimas décadas. Mas a diferença de dimensão e poder de cada um é surpreendente.

Na comunicação faz-se uma análise da trajectória da empresa, e das ramificações posteriores do seu capital humano, incluindo uma análise do processo na óptica do papel de tecnologias disruptivas na história empresarial da “informática” dos anos 70 e 80.